

CAPÍTULO 5

METÁFORAS E ESQUEMAS IMAGÉTICOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): UMA ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA COGNITIVA



<https://doi.org/10.68044/a54cne65>

Carlos Roberto Martins¹

Mestre em Cultura e Educação pela Universidade La Salle.



RESUMO: Este artigo analisa as metáforas conceituais e os esquemas imagéticos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva. O estudo, de natureza bibliográfica e qualitativa, articula pesquisas sobre corporificação, conceptualização, iconicidade cognitiva, metáfora, metonímia e organização visoespacial dos sinais. Discute-se como experiências sensorio-motoras e culturais estruturam domínios conceituais e motivam relações como BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, TEMPO É MOVIMENTO, TEMPO É CICLO e CORPO É CONTÊINER. Também são examinados os esquemas ESCALA, PERCURSO, CICLO, CONTÊINER, FORÇA e FONTE-CAMINHO-META, associados a parâmetros fonológicos e à construção do sentido em Libras. Os resultados da literatura indicam que a iconicidade não corresponde a simples imitação visual, mas participa de processos cognitivos convencionalizados e culturalmente situados. Conclui-se que a abordagem cognitiva amplia a descrição linguística da Libras e favorece sua compreensão metalinguística, educacional, lexical e cultural em diferentes contextos de uso e de ensino bilíngue.

Palavras-chave: Libras; Linguística Cognitiva; Metáfora conceptual; Esquemas imagéticos.

INTRODUÇÃO

A investigação das metáforas nas línguas de sinais ocupa uma posição particularmente produtiva no interior da Linguística Cognitiva porque permite observar, em uma modalidade visoespacial, a relação entre experiência corporal, organização conceptual e forma linguística. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), as mãos, o corpo, o espaço de sinalização, a orientação e o movimento não constituem simples suportes externos do significado: participam da estruturação de relações semânticas que podem tornar perceptíveis mapeamentos entre domínios, trajetórias, oposições escalares e relações de contenção. Nunes (2019b, p. 30-31) mostra que a análise de sinais da Libras à luz da Teoria da Metáfora Conceptual e dos esquemas imagéticos possibilita investigar como processos linguístico-cognitivos se manifestam no polo fonológico dos sinais e colaboram para a produção de sentido.

Essa perspectiva desloca a metáfora de uma compreensão restrita à ornamentação literária. No campo cognitivo, ela é examinada como mecanismo de conceptualização por meio do qual experiências mais abstratas podem ser organizadas em relação a domínios mais concretos. Ao comparar línguas de modalidades distintas, Pereira, Aguiar e Santos (2018, p. 113-114) destacam que a metáfora participa da formação dos sistemas conceptuais e atravessa práticas cotidianas de linguagem, pensamento e ação. Assim, a presença de metáforas na

Libras não constitui uma adaptação secundária de recursos próprios das línguas orais, mas uma possibilidade inerente à atividade cognitiva e linguística dos sinalizantes, realizada segundo recursos próprios da modalidade visual-gestual.

A iconicidade, nesse quadro, precisa ser tratada com cautela. A proximidade aparente entre a forma de um sinal e aspectos de seu referente não autoriza reduzir a Libras a uma representação mimética do mundo. Capovilla e Martins (2020, p. 270) definem que “um sinal é considerado icônico quando o significado que ele representa inspira a sua forma”, mas os próprios resultados de sua pesquisa demonstram que a relação entre forma e significado não implica transparência automática: entre 201 sinais avaliados, apenas 24 tiveram o significado adivinhado pelos participantes, embora muitos outros tenham sido considerados admissíveis depois de seu significado ser informado (Capovilla; Martins, 2020, p. 274-275). A iconicidade, portanto, envolve seleção, convencionalização e conhecimento linguístico.

O problema que orienta este artigo pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo as metáforas conceptuais e os esquemas imagéticos contribuem para a construção de sentidos na Libras quando analisados sob os pressupostos da Linguística Cognitiva? A questão exige articular diferentes níveis. Em primeiro lugar, é preciso compreender a relação entre corpo, mente, experiência

e conceptualização. Em segundo, importa examinar como domínios-fonte e domínios-alvo se conectam metaforicamente. Em terceiro, deve-se observar como esquemas imagéticos se relacionam com parâmetros visoespaciais da Libras e com diferentes formas de iconicidade. Por fim, é necessário considerar que a produção de sentido se realiza em contextos culturais e discursivos específicos.

O objetivo geral consiste em analisar, com base em produção científica selecionada, as relações entre metáforas conceptuais, esquemas imagéticos e construção do sentido na Libras. De modo articulado, busca-se: discutir os fundamentos da Linguística Cognitiva mobilizados nos estudos de línguas de sinais; caracterizar metáfora conceptual, corporificação, esquemas imagéticos e iconicidade cognitiva; examinar exemplos de esquemas como CICLO, ESCALA, PERCURSO, CONTÊINER, FORÇA e FONTE-CAMINHO-META; relacionar esses esquemas a metáforas identificadas em sinais da Libras; e apontar implicações para descrição linguística, criação lexical, produção literária e processos de ensino-aprendizagem.

O percurso adotado é bibliográfico, qualitativo e de caráter analítico-interpretativo. O corpus de discussão é constituído por estudos brasileiros sobre Libras e Linguística Cognitiva disponibilizados pelo autor para esta pesquisa. Entre eles, incluem-se análises de orientação fonológica e esquemas imagéticos (Nunes, 2019b), semiose corporal e CONTÊINER (Florêncio; Milani, 2022),

adjetivos de emoção (Sessa; Bernardo, 2021), sinais icônicos metaforizados (Santos, 2017), metáfora no ensino de português e Libras (Nunes, 2018), sinais religiosos e cultura (Nunes; Bernardo, 2019), construção metafórica e metonímica de signos (Unternbäumen *et al.*, 2017), literatura surda (Murta; Sales; Silva, 2023), iconicidade sintática (Jeremias, 2018), iconicidade lexical (Capovilla; Martins, 2020), criação de termos técnicos (Xavier; Santos, 2016) e estruturação cognitiva da ação (Araújo *et al.*, 2026).

A relevância da discussão decorre tanto de sua contribuição descritiva quanto de seus desdobramentos pedagógicos. Nunes (2018, p. 152-153) demonstra que o estudo de metáforas e esquemas imagéticos pode favorecer a compreensão visual de fenômenos linguísticos e o desenvolvimento de saber metalinguístico em práticas de ensino de português para estudantes surdos. De forma convergente, Araújo *et al.* (2026, p. 113-115) defendem que a representação da ação em Libras evidencia a articulação entre experiência corporal, movimento, orientação e esquemas imagéticos, permitindo compreender a língua como sistema simbólico de base cognitiva. Estudar esses mecanismos, portanto, contribui para afastar leituras deficitárias da Libras e para reconhecer sua complexidade semântico-conceptual.

REFERENCIAL TEÓRICO

Linguística Cognitiva, conceptualização e corporificação

A Linguística Cognitiva compreende a linguagem em associação com capacidades cognitivas gerais e com a experiência dos sujeitos. Em vez de isolar o significado em um componente autônomo, essa abordagem enfatiza os processos de conceptualização, categorização e construção de sentidos. Nunes e Bernardo (2019, p. 114-115) destacam que o significado pode ser entendido como construção mental vinculada tanto às formas linguísticas quanto aos conhecimentos compartilhados e ao contexto comunicativo. Essa concepção é especialmente fecunda para a Libras, porque a modalidade visoespacial evidencia relações entre ação corporal, percepção, localização e organização do espaço de sinalização.

Santos (2017, p. 420-421) situa corpo, cultura, cognição e relação com o mundo como dimensões intimamente ligadas na agenda da Linguística Cognitiva. Para o autor, a observação de fenômenos da Libras torna possível examinar como experiências corpóreo-culturais participam da emergência de sinais que articulam iconicidade e metáfora. Essa formulação impede tratar o corpo como mero articulador físico. O corpo é também fonte de experiências recorrentes, de orientações espaciais e de regularidades perceptivas que sustentam a formação de conceitos e a interpretação de estruturas linguísticas.

Conceitualizar é gerar conceitos, unidades mentais estruturantes do conhecimento. Logo, a

conceitualização é um fenômeno mental, mas baseada em nossas experiências corporais (percepção, toque, visão, sabores etc.), culturais (negociações entre os sujeitos de uma mesma cultura) e subjetivas. Obviamente, não existe máquina capaz de observar os conceitos, mas muito da linguagem humana revela seus aspectos e abstrações. Por exemplo, nossa prática inconsciente de usar metáforas no dia a dia mostra como nosso processamento cognitivo une razão à imaginação, além de demonstrar que muitos conceitos estão ligados a experiências corporais e culturais (Santos, 2017, p. 421).

A passagem evidencia que conceptualizar não significa simplesmente atribuir um rótulo verbal a um objeto previamente dado. A conceptualização envolve selecionar, organizar e relacionar experiências, inclusive quando o objeto de pensamento é abstrato. Na análise de sinais vinculados a emoções e sentimentos, essa perspectiva permite reconhecer que o movimento das mãos, sua localização no corpo e a direção do gesto podem evocar experiências corporais e culturais sem que o significado se reduza à aparência visual do referente. Em termos cognitivos, a linguagem oferece pistas para estruturas conceptuais que não são diretamente observáveis, mas que se manifestam em regularidades de uso e de forma (Santos, 2017, p. 421-423).

A corporificação ocupa, por isso, posição central. Nunes (2019a, p. 81) recupera a ideia de que aquilo que se pensa e se expressa está relacionado às experiências corporais por meio das quais o mundo é percebido e concebido. No caso da Libras, a autora exemplifica essa

motivação com sinais cuja produção se relaciona a regiões e funções do corpo, como NASCER, realizado próximo à barriga e com movimento que sugere a saída para fora. O interesse desse exemplo não está em afirmar uma reprodução direta do evento, mas em mostrar que propriedades do corpo e da experiência podem ser selecionadas como base para a organização linguística de um conceito.

A modalidade visoespacial não torna a Libras cognitivamente excepcional no sentido de constituir uma linguagem de natureza distinta das demais línguas humanas. O que ela oferece é uma configuração material própria para a manifestação de operações cognitivas gerais. Nunes (2019a, p. 77-81), ao comparar APRENDER e ESQUECER em sete línguas de sinais, observa relações entre corpo, metáfora, metonímia, esquemas imagéticos e iconicidade. A comparação reforça dois pontos: as línguas de sinais são historicamente e culturalmente específicas, mas processos de corporificação podem criar recorrências; além disso, recorrência cognitiva não significa identidade formal entre línguas.

Metáfora conceitual: domínios, mapeamentos e construção de sentido

No quadro da Linguística Cognitiva, a metáfora é compreendida como relação sistemática entre estruturas de experiência. Nunes (2019b, p. 31) explica que conceitos abstratos

podem ser compreendidos por meio de conceitos mais concretos, estabelecendo-se uma projeção entre domínio-fonte e domínio-alvo. A fórmula $A \dot{E} B$ sintetiza essa relação: elementos estruturais de um domínio experiencial são mobilizados para organizar outro. Desse modo, expressões metafóricas não são acontecimentos isolados do discurso, mas manifestações linguísticas de associações conceptuais que podem apresentar regularidade.

Santos (2017, p. 421-422) descreve o domínio como estrutura de conhecimento originada de experiências físicas, proprioceptivas, perceptivas e subjetivas. Na análise metafórica, um domínio mais concreto pode fornecer estrutura para compreender um domínio mais abstrato. Assim, relações como VIDA É UMA ESTRADA mobilizam características de percurso, continuidade, direção e deslocamento para estruturar concepções sobre a vida. Em uma língua visoespacial, tais relações podem ser realizadas por recursos que tornam trajetória e direção perceptíveis no espaço, embora a interpretação dependa sempre de conhecimento linguístico e cultural.

A produtividade desse mecanismo pode ser observada em sinais relacionados ao tempo. Nunes (2019b, p. 34-35) identifica em sinais como PASSADO, FUTURO e PRÓXIMO-ANO relações em que o tempo é conceptualizado por movimento e percurso. A direção para trás ou para a frente, bem como movimentos que retornam a posições próximas, permite discutir metáforas como TEMPO É

MOVIMENTO e TEMPO É CICLO. O interesse cognitivo desses exemplos consiste em mostrar que um conceito abstrato pode ser organizado espacialmente sem que a espacialização seja mero adorno; ela participa da própria construção do significado.

A verticalidade também oferece um domínio experiencial recorrente. Ao examinar MELHOR, PIOR, ALEGRIA e DESGOSTO, Nunes (2019b, p. 33-36) relaciona a orientação para cima e para baixo a avaliações positivas e negativas, formuladas como BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO. O esquema ESCALA permite organizar essa oposição, articulando orientação espacial e valoração. A regularidade não significa que todo sinal positivo deva obrigatoriamente ocupar o espaço superior nem que todo sinal negativo seja realizado para baixo. Ela indica, antes, uma tendência conceptual que pode ser recrutada em determinadas construções linguísticas.

A metáfora conceptual também se articula à metonímia. Unternbäumen et al. (2017, p. 17-19) analisam os sinais ANGÚSTIA, ÓDIO, APRENDER e RACIOCINAR e mostram que mapeamentos metafóricos podem apoiar-se em relações corporais e metonímicas. No caso de ÓDIO, a análise associa a experiência a uma explosão no tronco e concebe o tronco como contêiner, enquanto movimentos corporais participam da construção do signo. O exemplo revela que diferentes mecanismos cognitivos podem atuar conjuntamente, e não

como categorias isoladas. A metonímia pode oferecer um acesso conceptual local, ao passo que a metáfora organiza relações entre domínios.

Esquemas imagéticos: experiência sensório-motora e organização conceptual

Os esquemas imagéticos constituem uma ponte teórica entre experiência corporal e estrutura conceptual. Eles não são imagens mentais detalhadas de objetos particulares, mas padrões esquemáticos recorrentes derivados de relações sensório-motoras. Na literatura analisada, aparecem associados a experiências de estar dentro ou fora de um espaço, deslocar-se entre pontos, subir e descer, exercer ou resistir a forças, completar ciclos e estabelecer relações entre partes e totalidades. Nunes (2019a, p. 81) sintetiza entre os esquemas recorrentes CONTÊINER, EQUILÍBRIO, CAMINHO, ESCALA, PARTE-TODO, CHEIO-VAZIO, PROCESSO, OBJETO, COLEÇÃO e INTERAÇÃO.

Os esquemas imagéticos são estruturas pré-conceituais essenciais que impregnam experiência com significado (Johnson, 1987; Lakoff, 1987). Formam-se por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambiente (Gibbs; Colston, 2006[1995]) e manipulação de objetos. Consistem em gestalts altamente esquemáticas que capturam os contornos estruturais da experiência sensório-motora, integrando informações de múltiplas

modalidades. Existem como padrões contínuos e analógicos, subjacentes à percepção consciente, antes e independentemente de outros conceitos. São estruturados internamente e altamente flexíveis, de modo que se manifestam nas inúmeras transformações que sofrem em vários contextos experienciais, todos intimamente relacionados aos princípios perceptivos (gestalt) (Hampe, 2005). (Sessa; Bernardo, 2021, p. 183).

Florêncio e Milani (2022, p. 20, 29-31) exploram precisamente a produtividade do esquema CONTÊINER ao analisar o poema sinalizado “O despertar”. O estudo investiga como esse padrão pode ser articulado a mecanismos do plano de expressão e a estratégias de textualização, chegando a relações como DENTRO É BOM e FORA É RUIM. A contribuição do trabalho está em demonstrar que o esquema imagético pode operar em unidades e textos mais amplos, interagindo com efeitos poéticos e semióticos. A materialidade da sinalização, assim, não apenas transmite um conteúdo previamente definido, mas participa do modo como esse conteúdo se organiza discursivamente.

O esquema ESCALA, por sua vez, estrutura relações graduais e orientacionais. Em Nunes (2019b, p. 33-36), a oposição para cima/para baixo participa da conceptualização de avaliações positivas e negativas. Em Sessa e Bernardo (2021, p. 192-195), a análise de adjetivos de emoção evidencia que intensidade, direção e quantidade podem contribuir para diferenciar experiências emocionais. No sinal

FOGOSO, as autoras relacionam movimentos e configuração manual a EMOÇÃO É CALOR e EMOÇÃO É TEMPERATURA, identificando ainda os esquemas FORÇA, QUANTIDADE e CONTENÇÃO (Sessa; Bernardo, 2021, p. 194). O significado emerge, portanto, da convergência entre múltiplas estruturas conceituais.

No domínio da ação, Araújo *et al.* (2026, p. 113-117) destacam os esquemas FONTE-CAMINHO-META e FORÇA. O primeiro organiza eventos com ponto de partida, trajetória e destino; o segundo permite conceptualizar dinâmicas de impulso, resistência e causalidade. Em sinais direcionais, o deslocamento no espaço pode tornar salientes relações entre participantes e metas do evento. Essa organização oferece uma perspectiva para interpretar o parâmetro movimento não apenas como traço fonológico, mas também como recurso que pode perfilar aspectos da estrutura conceptual de uma ação.

A noção de imagem, nesse debate, não deve ser limitada à visão. A literatura cognitiva discutida por Pereira, Aguiar e Santos registra que “imagem” pode envolver diferentes modalidades sensoriais. Como citação de citação, Lakoff (1987, p. 444 *apud* Pereira; Aguiar; Santos, 2018, p. 116) é retomado para sustentar que imagens não se restringem aos visuais, podendo envolver dimensões auditivas, olfativas e táteis. Esse ponto é relevante para evitar a

interpretação de que “esquema imagético” equivale simplesmente a uma figura visual. Na Libras, a visualidade é central para a modalidade linguística, mas a base experiencial dos esquemas envolve a integração do corpo, do movimento e da percepção.

Iconicidade cognitiva, seleção imagética e esquematização

Na dimensão lexical, Capovilla e Martins (2020, p. 270-275) problematizam o pressuposto de que um sinal icônico deveria ter significado facilmente adivinhável. Os autores distinguem admissibilidade e adivinhabilidade e demonstram empiricamente que o reconhecimento de uma relação plausível entre forma e sentido pode surgir depois que o significado é informado. Essa constatação reforça o papel do conhecimento convencional. A forma pode ser motivada sem deixar de pertencer a um sistema linguístico aprendido socialmente.

Xavier e Santos (2016, p. 60-69) oferecem outra contribuição decisiva ao discutir o modelo de seleção imagética, esquematização e codificação aplicado à criação de termos técnicos em Libras. A seleção imagética corresponde à escolha de aspectos do referente que serão privilegiados; a esquematização reduz a riqueza da experiência a relações estruturais pertinentes; e a codificação mobiliza recursos fonéticos/fonológicos disponíveis na língua. O modelo evidencia que

a iconicidade resulta de escolhas e restrições, e não de transferência integral do mundo para a forma do sinal.

Independentemente da modalidade da imagem selecionada, toda a sua riqueza de detalhes não pode ser linguisticamente representada. Não seria possível para as línguas de sinais, por exemplo, representar iconicamente as cores das folhas, do caule e do solo presentes em sua imagem visual. Analogamente, seria inviável para as línguas orais representar todas as propriedades acústicas presentes na imagem sonora associada ao som da campainha. Como se sabe, esse som é produzido por instrumentos materialmente muito distintos das estruturas corpóreas empregadas na articulação de sons linguísticos. Isso impõe ao processo de criação de itens icônicos a necessidade de esquematização, ou seja, de reinterpretação da imagem (visual, espacial, motora ou acústica) em termos das categorias semânticas com as quais uma determinada língua opera. (Xavier; Santos, 2016, p. 65).

A esquematização explica por que dois sinais relacionados ao mesmo referente podem diferir entre línguas de sinais ou entre processos de criação lexical. Não existe uma única maneira visual de representar linguisticamente um objeto. A comunidade seleciona aspectos considerados relevantes, reduz detalhes e os compatibiliza com possibilidades articulatórias e perceptuais. No estudo de Xavier e Santos (2016, p. 70-90), a criação de sinais relacionados ao *Aedes aegypti* e a vírus transmitidos por ele foi acompanhada em interação entre participantes surdos e um biólogo ouvinte, revelando que imagens da estrutura viral influenciaram a seleção e a esquematização,

enquanto fatores articulatórios e perceptuais participaram da codificação final.

A noção de iconicidade cognitiva amplia ainda mais a análise. Nunes (2019a, p. 80-83) articula iconicidade, corporificação, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos para explicar relações entre forma e significado em línguas de sinais. Nesse enquadramento, a semelhança não é tratada como propriedade puramente objetiva entre sinal e referente. Ela depende de conceptualizações compartilhadas e de um processo de comparação entre polos semântico e fonológico. A iconicidade é, portanto, cognitiva porque se ancora na maneira como uma experiência é estruturada e reconhecida pelos usuários da língua.

Santos (2017, p. 424-432) chama de sinais icônicos metaforizados determinadas unidades nas quais a forma se relaciona a experiências corporificadas e a projeções metafóricas. O valor dessa proposta consiste em demonstrar que iconicidade e metáfora podem coexistir. Um sinal pode apresentar materialmente um movimento relacionado a uma experiência concreta e, ao mesmo tempo, mobilizar esse padrão para construir um domínio abstrato. Essa coexistência é particularmente produtiva em sinais de emoções e estados internos, cuja conceptualização recorre frequentemente ao corpo como referência.

Metáforas e esquemas imagéticos nos parâmetros da Libras

Nos sinais MELHOR e ALEGRIA, a orientação para cima é relacionada à avaliação positiva; em PIOR e DESGOSTO, a orientação para baixo integra sentidos negativos. A oposição é interpretada por meio do esquema ESCALA e das metáforas BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO (Nunes, 2019b, p. 33-36). Já GOSTAR e GOSTAR-NÃO permitem discutir o corpo como CONTÊINER e o contraste entre interiorização e exteriorização. Os exemplos mostram como diferentes parâmetros podem atuar de maneira simultânea, de modo que o sentido não se encontra em um componente isolado, mas na configuração global do sinal.

Também os sinais temporais oferecem material significativo. PASSADO e FUTURO mobilizam direções relativas ao corpo e ao espaço de sinalização, enquanto PRÓXIMO-ANO pode ser interpretado por um movimento cíclico. Nunes (2019b, p. 34-35) relaciona esses padrões às metáforas TEMPO É MOVIMENTO e TEMPO É CICLO. A conceptualização temporal, portanto, pode ser espacializada por trajetórias recorrentes. A direção articulatória funciona como pista de uma estrutura conceptual que organiza relações abstratas em termos de experiências mais diretamente corporificadas.

O sinal AJUDAR acrescenta outra dimensão: a orientação pode contribuir para indicar relações entre participantes. O percurso da mão pode organizar origem e destino, permitindo que a direção do

movimento participe da oposição entre 'eu ajudo você' e 'você me ajuda' (NUNES, 2019b, p. 35-36). Esse caso mostra que esquemas imagéticos não se restringem à semântica lexical. Eles também podem interagir com propriedades gramaticais, como a marcação direcional de participantes, tornando visível uma estrutura relacional.

A linguagem permite de forma rápida e eficaz a codificação e a transmissão de ideias por meio de uma função simbólica e interativa. Logo, as estruturas linguísticas que compõem a língua não são rígidas, mas maleáveis, e se adaptam às necessidades de expressão e comunicação. Assim, metáforas e esquemas imagéticos colaboram para a produção de significado em tais estruturas linguísticas. Sendo a Libras uma língua de sinais com recursos linguísticos organizados visualmente e espacialmente para a produção dos sinais, o estudo de esquemas imagéticos pode contribuir para a compreensão do funcionamento dessa língua. Nos dados analisados, constatamos os esquemas CICLO, ESCALA, PERCURSO e CONTAINER e as metáforas conceptuais TEMPO É CICLO, TEMPO É MOVIMENTO, BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, CORPO É CONTAINER e ORIENTAÇÃO É PERCURSO. (Nunes, 2019b, p. 36).

Sessa e Bernardo (2021, p. 186-195) mostram dinâmica semelhante em sinais adjetivos relacionados a emoções. Em ABORRECIDO, CONTENTE, FOGOSO, DOIDO e OTIMISTA, as autoras observam relações entre expressões não manuais, intensidade e direção do movimento, contato, contenção e emoção. Em FOGOSO, por exemplo, a metáfora EMOÇÃO É CALOR é associada a movimentos que lembram chamas e a esquemas como FORÇA,

QUANTIDADE e CONTENÇÃO (Sessa; Bernardo, 2021, p. 194). O resultado é uma rede de motivações na qual configuração manual, orientação, movimento e expressão facial participam de diferentes níveis da construção conceptual.

A análise de ações apresentada por Araújo *et al.* (2026, p. 113-117) amplia a discussão ao relacionar os parâmetros da Libras a esquemas de trajetória e força. Os autores defendem que a simultaneidade da sinalização permite codificar aspectos como agentividade, trajetória, causa e resultado em configurações gestuais integradas. Embora cada ocorrência deva ser analisada no sistema da língua e em contexto, a perspectiva evidencia como o espaço de sinalização pode funcionar como domínio de referência no qual relações entre participantes e eventos são estruturadas.

Cultura, metonímia, emoção e produção literária

A construção de sentido em Libras não decorre apenas de experiências corporais genericamente compartilhadas. Ela também se organiza em contextos culturais. Nunes e Bernardo (2019, p. 113-115), ao analisarem 14 sinais religiosos, demonstram que metáforas e metonímias podem refletir formas culturalmente situadas de conceptualizar crenças e práticas. As autoras lembram que “para a construção do significado, é preciso também compreender a realidade cultural em que a língua é produzida” (Nunes; Bernardo, 2019, p. 114).

A observação é central porque impede universalizar automaticamente as interpretações propostas para um sinal.

Unternbäumen *et al.* (2017, p. 15-20) chegam a conclusão convergente ao estudar sentimentos e processos mentais. Para os autores, os sinais analisados apresentam relações metafóricas e metonímicas baseadas em mapeamentos nos quais partes do corpo podem funcionar como contêineres, fontes ou pontos de acesso. No sinal ÓDIO, por exemplo, o tronco é concebido como contêiner e o sentimento é relacionado a uma explosão; em APRENDER e RACIOCINAR, movimentos corporais ajudam a estruturar processos mentais. A análise mostra que a experiência interna é exteriorizada por recursos corporais convencionalizados, sem se confundir com uma descrição literal do estado psicológico.

A literatura surda amplia essas possibilidades porque a sinalização poética pode explorar de modo deliberado a forma, o ritmo, a espacialidade e a imaginação. Murta, Sales e Silva (2023, p. 103-109) discutem metáforas ontológicas, estruturais e orientacionais em produções em Libras e destacam o papel da metáfora na expressividade literária. Em textos sinalizados, a criatividade pode incidir intensamente sobre a forma dos sinais e sobre a construção de imagens visuais, possibilitando relações que ultrapassam a leitura literal. A dimensão estética, porém, não invalida a natureza cognitiva

da metáfora; ao contrário, pode intensificar mecanismos que já fazem parte da conceptualização cotidiana.

Florêncio e Milani (2022, p. 20-31) oferecem um ponto de contato entre Linguística Cognitiva e semiótica ao examinar o poema “O despertar”. O esquema CONTÊINER é analisado em relação ao plano de expressão, à textualização e a efeitos poéticos, mostrando que o corpo sinalizante e o espaço participam da organização do texto. A investigação ajuda a compreender como padrões esquemáticos podem ganhar densidade discursiva: um contraste espacial pode ser repetido, intensificado ou transformado ao longo da performance e, assim, funcionar não apenas como característica lexical, mas como princípio de organização poética.

Desdobramentos para o ensino, a descrição linguística e a criação lexical

A compreensão de metáforas e esquemas imagéticos possui implicações para o ensino de Libras e de português escrito a estudantes surdos. Nunes (2018, p. 152-161) relata uma experiência em que conhecimentos sobre metáfora conceptual, classificadores e recursos visuais foram mobilizados no trabalho com a poesia “O Bicho”. A autora sustenta que a explicitação desses processos pode colaborar para a compreensão visual de conceitos abstratos e para o desenvolvimento do saber metalinguístico. O ponto pedagógico mais

relevante é evitar a tradução palavra por palavra como estratégia exclusiva, pois as relações metafóricas podem organizar-se de maneira distinta entre línguas.

A criação terminológica é outro campo de aplicação. Xavier e Santos (2016, p. 60-90) demonstram que termos técnicos em Libras podem ser construídos por processos de seleção imagética, esquematização e codificação discutidos coletivamente. O exemplo evidencia a importância de participação de usuários da língua na formação lexical e de conhecimentos especializados sobre o referente. A iconicidade não surge de uma correspondência espontânea; ela depende de decisões sobre quais características serão selecionadas e como serão realizadas de maneira articulatoriamente viável e semanticamente pertinente.

A pesquisa sobre iconicidade também pode beneficiar-se dessa integração. Capovilla e Martins (2020, p. 269-285) demonstram empiricamente que uma forma considerada plausível depois de conhecido seu significado nem sempre é adivinhável antes desse conhecimento. Esse resultado deve ser incorporado a práticas de ensino e pesquisa: a percepção de semelhança não substitui competência linguística. Ao apresentar sinais a aprendizes ouvintes, por exemplo, é necessário evitar a ideia de que a Libras poderia ser aprendida por dedução visual. O reconhecimento de motivações

icônicas pode auxiliar a compreensão, mas a língua possui convenções próprias que precisam ser aprendidas.

Por fim, a abordagem cognitiva fortalece uma compreensão da Libras como língua capaz de expressar e estruturar conceitos abstratos por recursos próprios. Araújo *et al.* (2026, p. 124-125) concluem que esquemas imagéticos, metáforas conceptuais e categorização prototípica organizam a representação de ações e que a iconicidade pode atuar como princípio estruturante, não como simples mimetismo. Em conjunto com os demais estudos, essa perspectiva reforça a necessidade de pesquisas baseadas em dados, descrições fonológicas precisas e análise cultural, evitando tanto a idealização da visualidade quanto sua desvalorização.

Outro desdobramento relevante diz respeito à análise comparativa de construções metafóricas. Murta, Sales e Silva (2023, p. 103-109) mostram que a produção em Libras pode explorar metáforas ontológicas, estruturais e orientacionais em formas próprias da modalidade sinalizada. Em atividades de ensino e tradução, essa constatação recomenda trabalhar com o sentido global das construções, com seus efeitos discursivos e com os recursos visuais mobilizados, em vez de buscar correspondências lexicais isoladas. A comparação torna-se mais produtiva quando evidencia como cada língua seleciona e organiza experiências para construir sentidos figurados.

As pesquisas sobre adjetivos e sobre organização sentencial mostram, ainda, que a abordagem cognitiva não precisa permanecer restrita a exemplos lexicalmente cristalizados. Sessa e Bernardo (2021, p. 180-200) relacionam parâmetros de produção, expressão não manual e emoções, enquanto Jeremias (2018, p. 39-57) examina relações icônicas na transitividade. Esses trabalhos indicam uma agenda de investigação que pode integrar léxico, semântica e gramática, buscando regularidades entre configuração formal e estrutura conceptual sem pressupor que cada recurso articulatório possua um significado autônomo e invariável.

Também é necessário manter um princípio metodológico de cautela. O reconhecimento de um possível esquema imagético deve resultar da análise de dados linguísticos, e não apenas da impressão visual do pesquisador. Os resultados de Capovilla e Martins (2020, p. 269-285) e o modelo discutido por Xavier e Santos (2016, p. 60-69) mostram que motivação, reconhecimento e convencionalização são dimensões diferentes. Desse modo, a identificação de metáforas e esquemas na Libras exige descrição formal, comparação de ocorrências, consideração do contexto e, sempre que possível, validação junto a usuários da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite responder que metáforas conceituais e esquemas imagéticos contribuem para a construção de sentidos na Libras ao organizar relações entre experiência corporal, conceptualização e recursos visoespaciais da língua. Os estudos examinados convergem ao mostrar que movimento, orientação, localização, configuração de mão, expressões não manuais e uso do espaço podem participar de estruturas semântico-conceituais, desde que interpretados no interior de convenções linguísticas e culturais. A modalidade visual-gestual torna perceptíveis determinados mapeamentos, mas não transforma os sinais em reproduções imediatas do mundo.

Os dados discutidos mostram a produtividade desses mecanismos. Em Nunes (2019b, p. 33-36), as metáforas BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO articulam-se ao esquema ESCALA, enquanto TEMPO É MOVIMENTO e TEMPO É CICLO organizam a conceptualização temporal. Em Sessa e Bernardo (2021, p. 194), emoções são relacionadas a calor, força, quantidade e contenção. Florêncio e Milani (2022, p. 20-31) exploram o CONTÊINER em texto poético; Unternbäumen *et al.* (2017, p. 17-20) mostram a interação entre metáfora, metonímia e corpo; Araújo et al. (2026, p. 113-125) ressaltam trajetórias e forças na estruturação da ação.

A discussão também permitiu delimitar o papel da iconicidade. Os resultados de Capovilla e Martins (2020, p. 269-285) demonstram que admissibilidade formal e adivinhabilidade não são equivalentes. Xavier e Santos (2016, p. 60-90), por sua vez, evidenciam que a criação de formas icônicas envolve seleção, esquematização e codificação. Assim, a iconicidade deve ser compreendida como motivação linguística graduada e convencionalizada. Essa conclusão é essencial para superar a ideia de que a Libras seria composta por gestos transparentes e para valorizar sua estrutura linguística própria.

Do ponto de vista pedagógico, o estudo de metáforas e esquemas imagéticos pode favorecer a formação metalinguística de aprendizes, professores, tradutores e intérpretes. Nunes (2018, p. 152-161) mostra que a explicitação de processos metafóricos pode contribuir para o ensino de português a estudantes surdos, especialmente quando se reconhece que não há correspondência automática entre metáforas de línguas diferentes. No ensino de Libras como segunda língua, a abordagem pode igualmente auxiliar na compreensão de redes semânticas e de motivações visoespaciais, desde que não substitua o contato efetivo com usos convencionais da língua.

Conclui-se, portanto, que metáforas conceituais e esquemas imagéticos constituem instrumentos analíticos relevantes para compreender a Libras como sistema linguístico complexo,

corporificado, culturalmente situado e semanticamente produtivo. A articulação entre descrição fonológica, análise conceitual e contexto de uso permite examinar como o sentido se materializa no espaço sem reduzir a língua à visualidade. Como continuidade, são recomendáveis estudos com corpora ampliados, comparação entre variedades regionais, análise de gêneros acadêmicos e literários e investigação de processos de criação terminológica, sempre com participação de usuários surdos e atenção à convencionalização linguística.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ramon Dias de; ESPINDOLA, Amarildo João; TOLEDO, Antonio Mateus; FABRICO, Rivaél Mateus; GIANOTTO, Adriano de Oliveira; BARBOSA, Daniel Cícero dos Santos. Como a ação é estruturada na Libras: um olhar da Linguística Cognitiva. **Revista Ilustração**, Santo Ângelo, v. 7, n. 3, p. 111-127, 2026. DOI: 10.46550/ilustracao.v7i3.555. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/555>. Acesso em: 2 jul. 2026.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 269-285, 2020. DOI: 10.51207/2179-4057.20200023. Disponível em: <https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/233>. Acesso em: 5 jul. 2026.

FLORÊNCIO, Suelismar Mariano; MILANI, Sebastião Elias. Semiose do corpo: bases semióticas de esquemas imagéticos em LIBRAS. **Revista Linguística Rio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 20-41, mar./jun. 2022. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/items/b57224e3-2980-45c9-ad52-4a68ba41ca06>. Acesso em: 8 jul. 2026.

JEREMIAS, Daiana do Amaral. Iconicidade em sentenças transitivas diretas da Libras: uma motivação formal e conceptual. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 18, p. 39-57, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/percursos/pt_BR/article/view/19061. Acesso em: 12 jul. 2026.

MURTA, Michelle Andrea; SALES, Luana Miglio; SILVA, Marcos Ataliba Ferreira da. Metáfora na Libras: elementos literários na produção surda. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 103-117, 2023. DOI: 10.47677/gluks.v23i2.380. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/380>. Acesso em: 18 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 81, p. 77-86, set./dez. 2019a. DOI: 10.17058/signo.v44i81.13717. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13717>. Acesso em: 22 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019b. DOI: 10.17058/signo.v44i79.12832. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12832>. Acesso em: 28 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Processo de ensino-aprendizagem de português e de Libras: Teoria da Metáfora Conceptual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 12, n. 23, p. 152-162, 2018. Disponível em:

https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/pt_BR/article/view/23177. Acesso em: 1 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes; BERNARDO, Sandra Pereira. Relações culturais e sinais religiosos em Libras: estudo de metáforas e de metonímias. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 113-124, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1110>. Acesso em: 3 set. 2026.

PEREIRA, Fausto Pinheiro; AGUIAR, Rebeka da Silva; SANTOS, Patrícia Tuxi dos. Um estudo da metáfora nas línguas portuguesa, japonesa e Língua Brasileira de Sinais. **Revista Eixo**, Brasília, DF, v. 7, n. 1, p. 113-121, jan./jun. 2018. DOI: 10.19123/eixo.v7i1.549.

Disponível em:

<https://arquivorevistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/549>. Acesso em: 4 set. 2026.

SANTOS, Cristian. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 419-437, maio/ago. 2017. DOI: 10.20396/cel.v59i2.8648382. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648382>. Acesso em: 5 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 180-200, 2021. DOI: 10.47456/cl.v15i32.35890. Disponível em:

https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/pt_BR/article/view/35890. Acesso em: 6 set. 2026.

UNTERNBÄUMEN, Henrique Huelva; SANTOS, Patricia Tuxi dos; LEITÃO, Alex Bezerra; PEREIRA, Ione Midon; SILVA NETO, Virgílio Soares da; ARAUJO, Ellen Correia. A construção

metafórica e metonímica do signo em Língua de Sinais Brasileira: uma análise cognitivo-cultural. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 36, p. 7-20, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32614>. Acesso em: 7 set. 2026.

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60-103, jan./jun. 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.60-103. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/4069>. Acesso em: 9 set. 2026.